



A inserção do trabalho audiovisual no âmbito do Movimento Agroecológico da Zona da Mata: uma via de mão dupla

The insertion of audiovisual work within the scope of the Zona da Mata Agroecological Movement: a two-way path

SÁ FORTES, Leonne¹; DE AVELAR MACHADO, Rodrigo²

¹ Universidade Federal de Viçosa, leonne.miranda@ufv.br; ² avelar.rodrigo@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia

Resumo: Ao final do programa de intercâmbio agroecológico *Forefront*, foram gerados produtos audiovisuais de algumas das experiências. Tendo como base a participação dos autores deste trabalho nas etapas de pré-produção, gravação, pós-produção e em análises realizadas nos referidos materiais, este ensaio teórico originou-se com o objetivo de apresentar algumas reflexões sobre a produção audiovisual no âmbito do Movimento Agroecológico da Zona da Mata, a partir do ponto de vista de profissionais precarizados do setor. Compreendemos que a linguagem audiovisual pode contribuir na constituição de multitudes agroecológicas na superação do sistema capitalista ecocida. Paralelamente, compreendemos que a agroecologia, por sua vez, pode promover aos trabalhadores do audiovisual formas de trabalho e sociabilidade mais justas e menos precarizadas.

Palavras-chave: agroecologia; comunicação; precarização; saberes; vídeo.

Introdução

Ao final do programa de intercâmbio agroecológico *Forefront*, realizou-se o registro audiovisual de algumas experiências. A filmagem dessas experiências e as pessoas envolvidas trouxeram conhecimentos que, narrados em suas próprias palavras, puderam ser melhor sintetizados e comunicados. Os objetivos eram múltiplos: registro e sistematização de resultados e saberes; retorno aos territórios; abertura de fala; balanço reflexivo das experiências; utilização para fins pedagógicos; entre outros. Através de uma série de reuniões, parte do grupo envolvido no programa iniciou a etapa de pré-produção: elaboração de um roteiro de entrevistas, contato com os entrevistados, alocação de recursos financeiros, organização da equipe de trabalho e agendamento das visitas. Foram realizadas quatro viagens de campo na região da Zona da Mata mineira para as cidades de Araponga, Divino, Espera Feliz e Simonésia. As entrevistas e imagens realizadas em campo foram reunidas e armazenadas, editadas e finalizadas, resultando na confecção de nove vídeos.

Tendo como base a experiência dos autores deste resumo expandido nas etapas de pré-produção, gravação e pós-produção dos referidos materiais, este trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre a produção audiovisual no âmbito do Movimento Agroecológico da Zona da Mata, a partir do ponto de vista do profissional precarizado (ANTUNES, 2018). Compreendemos que a apropriação



deste *tipo* de linguagem na construção da Agroecologia, ciência e movimento social, pode favorecer diretamente a construção das *multitudes agroecológicas* (GIRALDO, 2022), justamente por seu potencial comunicativo e pedagógico.

Omar Felipe Giraldo (2022), advoga pela urgência de uma mudança civilizatória *radical* nas formas e relações de produção, na qual a Agroecologia possui um papel central junto das massas. Para o autor, vivemos atualmente uma crise generalizada, inerente ao sistema de produção capitalista *ecocida*, na qual, em resumo, dentro de algumas décadas, o planeta se tornará inabitável. Nesse sentido, apostamos no audiovisual, um *tipo* de comunicação, como via para esta transformação, uma vez que "no necessário rearranjo de pessoas e coisas, a comunicação revela-se como principal forma organizativa", sendo ela, "em sua radicalidade, o fazer organizativo das mediações imprescindíveis do comum humano" (SODRÉ, 2015, p.12).

Na mesma via, em sentido contrário, compreendemos que, por sua vez, a Agroecologia, promotora da vida boa, do bom conviver e do bem viver (GIRALDO, 2022), tem o potencial de incorporar a mão-de-obra urbana precarizada do audiovisual e oferecer formas de trabalho e sociabilidade distintas das relações regidas pela lógica do capital financeiro e do lucro.

Metodologia

Trata-se de um ensaio teórico elaborado a partir das experiências dos próprios proponentes, que participaram da realização dos referidos vídeos de ponta a ponta. Além de profissionais do setor audiovisual, os autores também contam com experiências anteriores no âmbito acadêmico, na comunicação e na extensão, o que condicionou algumas observações empíricas durante todo o processo de produção.

Utilizamos revisão de literatura para compreensão do Movimento Agroecológico, em geral (GIRALDO, 2022), aliada a procedimentos de análise discursiva (VOLÓCHINOV, 2017; CHARAUDEAU, 2005), realizada nos vídeos, para compreensão do contexto específico da Zona da Mata. As referidas análises foram feitas tanto durante a etapa de edição e finalização do material, quanto a posteriori, reassistindo aos vídeos e retomando memórias.

Para o embasamento a respeito da comunicação na contemporaneidade, utilizamos Muniz Sodré (2015). Para a caracterização do trabalho precarizado no capitalismo tardio, utilizamos Ricardo Antunes (2018). Apontamos que a caracterização do e as críticas feitas ao sistema de produção capitalista contemporâneo, à lógica do capital financeiro e às formas de vida a esse sistema atreladas, são convergentes e complementares em Giraldo (2022), Antunes (2018) e em Sodré (2015).



Resultados e Discussão

Para Antunes (2018), no arranjo produtivo capitalista contemporâneo, a classe trabalhadora se configura de modo distinto do proletariado industrial dos séculos anteriores. Segundo o autor, é necessário entendê-la como um conjunto heterogêneo, ampliado, complexo e fragmentado de seres sociais que vivem em situações instáveis e precárias de trabalho, ou mesmo vivenciam diretamente o desemprego. Soma-se a isso a gradativa retirada de direitos sociais historicamente conquistados e o aumento da informalidade. Dentro dessa heterogeneidade, encontram-se os prestadores informais de serviços e dentre esses, aqueles que trabalham no setor audiovisual - segmento no qual trabalhamos há anos como *freelancer*. Foi nessa condição que fomos acionados pelo projeto *Forefront* para prestar os serviços de produção audiovisual, supervisionados por uma equipe composta por professores e acadêmicos da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e representantes do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM).

Foi a partir da demanda dos vídeos que pudemos [re]visitar territórios, passando por diversas propriedades rurais agroecológicas, um sindicato de trabalhadores rurais e uma Escola Família Agrícola (EFA), além de nos hospedarmos no assentamento Padre Jésus, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Foi nesta etapa, portanto, que foram territorializados os corpos daqueles que foram gravar junto àqueles e àquelas que compuseram as narrativas dos vídeos e outras pessoas que contribuíram e participaram de alguma forma.

Sabemos que a consciência individual é um fato social e que a linguagem é uma realidade material que não pode ser compreendida fora de seu contexto sócio-histórico (CHARAUDEAU, 2005; VOLÓCHINOV, 2017). Nesse sentido, é importante destacarmos essa etapa, pois aqui se iniciava, a partir da vivência direta dos trabalhadores do vídeo *através* de seus próprios trabalhos, um processo de compreensão sensível da realidade concreta daqueles e daquelas cujos saberes foram filmar. Este fator estaria diretamente ligado ao trabalho da etapa seguinte, quando, já na ilha de edição, os discursos registrados seriam processados e reorganizados e, para confecção deste ensaio, analisados.

Quase sempre, o produto final de um vídeo é um corte, uma intervenção feita em um conteúdo bruto, que o excede em duração. Da mesma forma que na construção de um texto, a edição é um processo de escolher e justapor (SCOREL, 2006 apud MATTOS; ABREU; CASTRO, 2017). Em nosso caso, era preciso que os resultados das entrevistas fossem editados de forma a gerar os materiais encomendados. Portanto, desta fase até o momento da finalização dos vídeos, o editor trabalhou na busca de formas linguísticas estabilizadas que fossem coerentes e coesas, sobredeterminadas, a um só tempo, pelo conteúdo registrado e as expectativas da equipe, ligadas aos objetivos do programa *Forefront*.



Já o conteúdo linguístico das entrevistas, por sua vez, também foi sobredeterminado por diversos fatores. Além do já referido contexto situacional, uma produção discursiva qualquer diz respeito sempre das relações entre os sujeitos da fala, seus saberes diversos e a posição que ocupam no momento da enunciação (CHARAUDEAU, 2005). Nesse sentido, é notável e justificado que, embora as entrevistas tenham seguido os mesmos eixos condutores, geradores das respostas contidas nas falas registradas, o material obtido foi diverso.

Uma vez finalizados os vídeos, o resultado foi tão diverso quanto a Agroecologia em pauta. Através da *fala* das personagens foi possível tomar conhecimento de nuances do Movimento Agroecológico da Zona da Mata em interação com a pesquisa e a extensão. Na impossibilidade de reproduzir e discorrer sobre este conteúdo, deixamos aqui indicados alguns eixos temáticos presentes nos vídeos, a saber: soberania alimentar; luta pela terra; história da região; sistemas participativos de certificação orgânica; sindicalismo e movimentos sociais; teologia da libertação e comunidades eclesiais de base (CEBs); educação popular e juventude rural; identidade campesina; feminismo; entre outros.

Conclusões

A realização dos nove vídeos acumula mais de um ano de duração, entre ajustes, debates, finalização e divulgação, que objetiva ser ampla e gratuita. Caracterizamos essa experiência como árdua, porém frutífera e gratificante, o que pode ser confirmado pela boa recepção do vídeo por parte das personagens. Nesse sentido, além do registro, o processo constituiu espaços de aprendizagem na elaboração dos produtos da comunicação, uma construção coletiva e formativa.

Conforme explicamos, os vídeos foram encomendados apenas na etapa final de um projeto de longa duração, a partir de uma "sobra" de recursos. Consideramos que a remuneração dos profissionais não difere significativamente do usual no "mercado". Todavia, as condições de realização são sistematicamente diferentes, tendo favorecido o desenvolvimento de laços de solidariedade, a alimentação saudável e o engajamento entre o trabalhador e seu trabalho de forma não alienante, a partir das relações desenvolvidas no processo de produção, típicas da Agroecologia.

Nesse sentido, apontamos que as duas dificuldades apresentadas acima - a de financiamento e de planejamento -, uma ligada à outra, podem ser superadas no desenvolvimento de projetos futuros que considerem a produção de vídeos desde seu início, como formas de, a um só tempo, registrar, acompanhar e viabilizar a pesquisa e extensão e fortalecer a difusão de saberes ligados ao Movimento Agroecológico.

Apontamos que, em projetos vindouros, a inserção prévia - e com tempo - dos profissionais do audiovisual nas comunidades rurais pode favorecer também a



autonomia dessas comunidades neste tipo de produção. Se considerados os horizontes da educação popular de jovens e adultos, tão bem estruturada dentro do Movimento Agroecológico (DA SILVA, 2022), as trocas dialógicas realizadas entre os participantes da produção, profissionais e personagens, poderá – e deverá – fomentar a formação de novos profissionais do audiovisual dentro dos próprios territórios.

O processo de registro audiovisual, além de ser capaz de registrar saberes contados de forma oral, também é capaz de criar provocações, romper barreiras de conhecimento sobre tecnologias e, sobretudo, valorizar aqueles e aquelas que detêm o conhecimento, retratando, em palavras e imagens, suas belezas, a beleza dos seus saberes e a forma como vivem e produzem com diversidade (DE AVELAR MACHADO; DE VIOLA; DE SOUZA LOPES, 2017).

Os desafios são muitos e compreendemos que as mudanças apontadas não dependem apenas de ter boa vontade. A produção audiovisual no Brasil ainda é muito custosa e, majoritariamente, urbana. Somado a isso, temos um vasto contingente de trabalhadores e trabalhadoras do setor que são precarizados, por vezes reféns de uma agenda de trabalho pautada pela disponibilidade escassa de recursos materiais, dos quais depende a [re]produção de suas próprias vidas. Entretanto, é possível vislumbrar um novo horizonte a nascer entre a necessidade de superação dessas condições de exploração e a emergência do levante das multidões agroecológicas. Acreditamos que a comunicação, no geral, e a linguagem audiovisual, em particular, tem a capacidade e o dever de erguer esta ponte.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**. São Paulo, Brazil: Boitempo, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

DA SILVA, Marcio Gomes. Gênese do Movimento Agroecológico: Processos Educativos e a Formação das Matrizes Ético-Políticas e Técnico-Produtivas. **Brazilian Journal of Agroecology and Sustainability**, v. 4, n. 1, 2022.

MACHADO, Rodrigo de Avelar.; VIOLA, Paolo Marti G. P. de Souza; LOPES, Leandro de Souza. Da memória oral ao audiovisual: os saberes agroecológicos salvaguardados pelas lentes. **Cadernos de Agroecologia**, v. 12, n. 1, 2017.

GIRALDO, Omar Felipe. **Multitudes agroecológicas**. Universidad Nacional Autónoma de México, 2022.



MATTOS, Hebe; ABREU, Martha; CASTRO, Isabel. Da história oral ao filme de pesquisa: o audiovisual como ferramenta do historiador. **Hist. cienc. saude.** Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 1147-1160, out. 2017.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional.** Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** São Paulo: Editora 34, 2017.